

# Clima de festa na bolsa carioca

por Rômulo Trindade  
do Rio

Foi uma festa. A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ) distribuiu 5 mil convites para o primeiro leilão de conversão da dívida externa brasileira em capital de risco e seu acanhado recinto do pregão tornou-se pequeno para conciliar o árduo trabalho dos operadores com a curiosidade dos convivas. A Bolsa do Rio gastou CZ\$ 10 milhões, entre material de informação e seminários para operadores e empresários (transmitidos ao vivo pela TV Executiva da Embratel), para promover o evento.

Diante da intensa movimentação de pessoas — havia cerca de cem jornalistas, incluindo os correspondentes estrangeiros —, a diretoria do Banco Central, liderada por Armin Lore, diretor da área externa do BC e responsável direto pela fiscalização do leilão, tomou uma decisão ortodoxa: para melhor acompanhar o desenrolar dos negócios, “estatizou” o aquário do primeiro andar do prédio da Bolsa, desalojando, inclusive, assessores da presidência da BVRJ.

Detalhes como esse, porém, acabaram ajudando a compor o cenário da festa, considerada por empresários e políticos ouvidos por este jornal como um marco no processo de conversão da dívida externa do País. “Este leilão significa a abertura para o moderno. Mesmo assim, estamos atrasados em relação a países como o Chile, o México e Filipinas. O México tem mais de cinquenta projetos de conversão já aprovados. Somos um País dependente de capital e de tecnologia e precisamos de mecanismos modernos para a geração de novos empregos. Nunca é tarde para começar”, saudou o deputado Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ), principal acionista do grupo financeiro Multiplic.

O deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ), primeiro ministro da Fazenda da Nova República, também aprovou o leilão. “Este pregão é um marco muito importante na instituição do processo de conversão da dívida. Espero que possa reduzir consideravel-

## “Sensacional”, diz Abamec

por Ana Lúcia Magalhães  
do Rio

O anfitrião da verdadeira festa em que se transformou o primeiro leilão de conversão de dívida externa vencida em investimento, Sérgio Barcellos, presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ), ficou exultante com os resultados alcançados. Para ele, o deságio atingido no leilão para a área livre, de 27%, superou todas as expectativas.

Feliz como uma criança que acabara de ganhar um brinquedo há muito desejado, Barcellos estimou que dos US\$ 75 milhões convertidos para investimentos, na área livre, cerca de 30% se destinará aos fundos de conversão. Caso isso se confirme, ingressarão nas bolsas de valores brasileiras cerca de US\$ 22,5 milhões.

“O deságio alcançado mostrou que toda vez que se deixa o mercado falar a resposta é racional. Quem tem medo do

mercado, perdeu mais uma batalha hoje (ontem)”, afirmou Barcellos.

Já o presidente da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais (Abamec), seção Rio, Mauro Sérgio de Oliveira, considerou o leilão sensacional. Oliveira destacou a grande disputa ocorrida no leilão para a área livre (investimentos diretos em empresas e fundos de conversão) e a taxa de desconto, que superou sua estimativa, que era entre 20 e 25%.

“O mercado trabalhava com essa estimativa, tendo em vista que esse tipo de papel (de dívida vencida) está sendo negociado no mercado internacional com um deságio de cerca de 50%. Então, o Brasil dividiu o deságio com o credor. O País ficou com 27% e o credor com 23%. Isso significa que se fosse feita a conversão de toda a dívida nessa taxa de 27%, o Brasil economizaria uma quantia bastante razoável” frisou.

mente o custo financeiro de grande número de empresas e contribua para aumentar o nível de investimentos”, afirmou Dornelles. E acrescentou: “Também espero que o leilão possa ser utilizado como grande alavanca para um programa de privatização de empresas estatais”.

O governador fluminense Wellington Moreira Franco, que permaneceu no recinto da bolsa por quinze minutos, interpretou o leilão de conversão da dívida como um mecanismo aceitável e moderno para a retomada dos investimentos. “Trata-se de um mecanismo para combater a recessão e representa, igualmente, um incentivo à economia estadual. Mas a verdadeira solução para combater a recessão é uma política econômica com contornos bem definidos, aplicada com austeridade”, afirmou Moreira Franco.

O secretário estadual de Indústria e Comércio, Victorio Bhering Cabral, identificou os setores de petroquímica e celulose como “atrativos” a investimentos estrangeiros, pelo gran-

programa de conversão anual de US\$ 2 bilhões, o setor turístico — o hoteleiro, principalmente — deverá absorver cerca de US\$ 400 milhões por ano em novos investimentos. E uma estimativa otimista, porém adequada ao otimismo que move a indústria do turismo.

Na visão do economista Adroaldo Moura da Silva, ex-vice-presidente da área internacional do Banco do Brasil e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o leilão realizado ontem na bolsa carioca representa “o começo da flexibilização do processo de administração da dívida brasileira”. De acordo com Moura da Silva, uma “primeira tentativa válida, cabendo ao governo ter inteligência para aprender e corrigir eventuais distorções”.

Nesse clima de festa na área da Praça XV, onde fica a sede da BVRJ, no centro do Rio, a única voz discordante foi a do deputado Paulo Ramos (PMDB-RJ), que ali compareceu para reafirmar a tese que tem defendido no plenário da Assembléia Nacional Constituinte: a de que a conversão significa uma forma de perpetuar a dívida, em prejuízo da soberania nacional. Num ambiente adverso, sua pregação, uma vez mais, caiu no vazio e, às 18,25 horas, os terminais da bolsa carioca registravam a conversão, em termos brutos, de US\$ 186,5 milhões.